

ETNOGRAFIA DE PROJETOS POLÍTICOS
SOBRECODIFICANDO O MUNDO SOBRECODIFICADO QUE CARLY
MACHADO NOS APRESENTA¹

*Gabriel Feltran*²

Resumo: Este comentário, inspirado no texto de Carly Machado aqui publicado, é uma sobrecodificação intencional da etnografia realizada pela autora. Ele quer descrever os mesmos fenômenos por ela tratados, em especial o Ministério Flordelis e seus congressos religiosos, mas agora com categorias próprias do pensamento político secularizado, que me parece também informar as teorias nativas por ela estudadas. Além dessa tradução sobrecodificadora, procuro neste comentário subir a escala da abstração e tratar não mais do universo empírico em questão, mas da cena política brasileira que o projeto estudado escreve junto à sua comunidade política, enquanto nos permite entrevistá-la. Parcial e provisório, este comentário ensaístico pretende que algum desentendimento entre ciência do social, e análise de conjuntura, seja produtivo a um só tempo intelectual e politicamente.

Palavras-chave: Etnografia; Sobrecodificação; Política; Religião.

ETHNOGRAPHY OF POLITICAL PROJECTS

Abstract: This comment is an intentional overcoding of the ethnography carried out by Carly Machado in this issue. I want to analyse the same phenomena dealt with by her, especially the Flordelis Ministry and its religious congresses, but now with categories issued from the secularized political thought. In doing so, I argue that those categories also inform the native theories studied by Machado. In addition to this overcoded translation, this commentary seeks to raise the scale

¹ Como citar: FELTRAN, Gabriel. Etnografia de projetos políticos - sobrecodificando o mundo sobrecodificado que Carly Machado nos apresenta. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 38, p. 77 - 82, 2020.

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Professor do Departamento de Sociologia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, Brasil. E-mail: gabrielsf@ufscar.br

of abstraction and address no longer the empirical universe in question, but the Brazilian political scene that the studied project writes, while builds its political community. Partial and provisional, this essayistic commentary provokes some misunderstandings between a science of the social and an analysis of the conjuncture, trying to be productive both intellectually and politically.

Keywords: Ethnography; Overcoding; Politics; Religion.

Carly Machado reflete sobre o poder e a política contemporânea, no Brasil, a partir do “Ministério Flordelis”, estudado em pesquisa de campo entre 2016 e 2019. Ministérios como o Flordelis, interpretando o que nos diz Carly Machado com categorias distintas das utilizadas pela autora, seriam instâncias de sobrecodificação das existências e, portanto, formas de significá-las. Mas não só isso. A esses novos sentidos atribuídos às vidas por um diagrama religioso bem mundano, correspondem formas materiais e explícitas de governo das condutas.

Em sua intenção, nunca realizável empiricamente como tal, mas produtora de efeitos concretos entre os que mergulham “no propósito” dos ministérios, o projeto propõe-se a abarcar a totalidade da existência dos fiéis, transformando suas ações em comportamento, no sentido arendtiano. A totalidade da existência, gostaria de ressaltar, já que a intenção propriamente política é a de construção de um movimento, nesse sentido estrito, totalitário. Evidentemente, distingo aqui esses espaços de germinação instituinte de movimentos totalitários (em seus discursos e intenções) dos efeitos político-institucionais pragmáticos que eles produzem. E muito mais ainda, claro, dos totalitarismos enquanto regimes, ou seja, máquinas governamentais tecnificadas e instituídas.

Estamos aqui falando de intenções normativas que querem se tornar práticas de governo e ensaiam com seus fiéis. Práticas ainda fragmentárias frente ao conjunto da população, em franca busca de institucionalização, em fase de testes para todos os envolvidos. O ponto aqui é que essas intenções normativas, esses projetos de poder, precisam de comportamento. A

rotinização de modos de raciocinar específicos, massificados por condicionamento comportamental, é a técnica fundamental da produção de novas vidas e novos sujeitos, sempre instilada por clichês.

Considerados positivos, por disciplinarem vidas lançadas à superfluidade pela pobreza, desamparo e humilhações, em cenários urbanos de forte privação material e de direitos fundamentais como as favelas e periferias, esses comportamentos massificados e esses clichês (frases feitas com sentido comportamental, decoradas por flores, corações, pombas brancas e enviadas por *whatsapp* diuturnamente) são então associados a termos programáticos de projetos políticos em época eleitoral, e se convertem em votos para os que governam ministérios, e também para suas redes policiais ou criminais, ou ainda outras.

É daí que aparecem esses “outros congressos”, pouco científicos, em que os fiéis, idealmente já comportados (Freud nos deixou alguns impossíveis, entre eles o “governar”, mas os Ministérios não leram ou não gostaram de Freud), podem se encontrar para sintetizar suas representações individuais-coletivas sobre a vida, sobre o Deus guerreiro, sobre as perdas sofridas pela violência e a miséria, sobre as vitórias obtidas quando a prosperidade se tornou campo de batalha, enfim, sobre tudo o que é muito mundano e guerreiro e que, como tal, precisa da linguagem para ser sobrecodificado.

Regimes governamentais expansivos no tempo e no espaço formulam-se e materializam-se, então, com os ministérios e as redes de relações concretas que os compõem. Nos canais de relação dessas redes, fluem recursos financeiros, simbólicos, reciprocidades reais. Uma articulação estrategicamente concebida e religiosamente justificada entre eventos de mobilidade popular (caravanas, eventos, congressos, passeios turísticos), de entretenimento (shows musicais, performances teatrais etc.) e cultos simbólicos sobre o sagrado e o profano, o céu e o inferno, a água e o fogo, são postos em marcha e compõem os “Ministérios”, categoria da política setorial moderna.

Como rituais durkheimianos, esses eventos atualizam os ideais de mundo inscritos no próprio regime de práticas ali presente reforçando-os de maneira circular. Ideais normativos de um lado, práticas administrativas

comportamentais materialmente fundamentadas de outro, e temos um regime massivo de governo de populações. Materialmente fundamentadas, porque é claro que esses Ministérios fazem dinheiro circular numa direção específica – saindo do bolso dos fiéis aos seus próprios caixas, mas também de bolsos de fiéis a bolsos de fiéis, porque a comunidade é também apoio mútuo.

“Só o que não é meu me interessa”, diria essa nova antropofagia ministerial, parafraseando outro manifesto que pretendia construir um projeto de país, há um século atrás. Ministérios pentecostais são mais efetivos que a arte antropófaga, no entanto, até porque fazem o que ela disse que a cultura nacional deveria fazer. Os ministérios deglutem o que está à sua volta, ao se expandirem pelas periferias urbanas e, de lá, para muitos outros lugares bastante mais centrais. Seus braços e bocas oferecem não apenas o sangue de Jesus ou batismos de fogo. Eles lançam ou cospem uma série de atividades práticas, mundanas, de apoio à rotina de trabalhadores periféricos desprotegidos, que inclui desde ações de entretenimento e turismo gospel até autoajuda sentimental, pitadas de empreendedorismo e aconselhamento comportamental para crises no trabalho, mas também apoio material no caso de fortes privações.

O regime de rituais políticos e sobretudo midiáticos articulados em TV, rádio e mídias sociais massivamente invadidas se conforma em projeto estético-político, subindo em escala, invertendo a máxima gramsciana da hegemonia como emancipação. Hegemonia sim, mas agora sem emancipação, que se faz pelo mercado, pelo mundo empresarial tomado como produtor não apenas de comportamentos, mas de sujeitos. Como massificação, na medida em que todas as relações sociais se tornam mediadas por imagem-mercadoria, como já sabíamos desde Guy Debord. Esse projeto estético-político produz massas. Não é mais, como um dia foi, um conjunto de ideias ou ideais, apenas. É um projeto já instituído em nichos específicos, que parecem outro mundo mas são do nosso mundo, como Carly Machado nos faz ver. São projetos com planificação também de condições objetivas e técnicas materiais de governo, garantidas por mercados religiosos e de

entretenimento massivo, que deságuam em programas televisivos repetitivos mas sempre novos para quem os assiste todos os dias. Sejam programas policiais, religiosos ou de notícias, eles escrevem sempre os mesmos programas, a mesma sobrecodificação sobre as vidas sofridas, realmente sofridas. Essa sobrecodificação é programática: há intenções eleitorais precisas, planejadas como carreiras pessoais de mobilidade social abençoadas.

Como sabemos, entretanto, toda política se funda em controle dos meios de violência. Símbolos, técnicas de governo, bases materiais são importantes. Mas é preciso dar um passo a mais, e controlar as armas, se for possível. O assassinato de Anderson do Carmo, então marido da própria Flordelis, ocorrido em 2020, teve repercussão nacional, e conferiria mais uma persona às já muitas personas sintetizadas no corpo negro dessa mulher criada nas periferias cariocas, em situação de pobreza. Cantora gospel, pastora, com histórico de atuação controversa na área da infância, candidata a prefeita de São Gonçalo, mãe de 55 filhos sendo 51 deles adotados, próxima das redes criminais quando criança, das redes da política institucional depois de adulta, ela havia sido eleita deputada federal por um partido de direita e, em 2020, exercia seu primeiro mandato. Flordelis foi acusada de ter sido a mandante do homicídio do marido, e há muitas evidências já colhidas pela investigação policial nessa direção. A condenação pública de Flordelis já se deu nas redes sociais, deixando perplexos os fiéis que, afinal, já conheciam sua história “de filme” desde 2009, pelo cinema de gosto popular. Grupos de classe média progressista, e também grupos identitários muito orgulhosos na defesa das ações afirmativas, não hesitaram em ridicularizar com memes de toda espécie a mulher negra, periférica, bolsonarista e deputada federal, quando souberam de sua participação no homicídio.

Estamos na nova política nacional, feita por novos homens, novas mulheres e novas massas. Também por novos controles sobre os meios materiais e de violência. O texto de Carly Machado nos remete à ponta de um iceberg que não sabemos ainda o que vai produzir, mas que tendo lido Charles Tilly – aquele que fala do fazer a guerra como fazer do Estado, tudo isso associado à acumulação e formalmente idêntico ao que se chama

de "crime organizado" - não deixa de nos inquietar. Não sabemos o que vai sair disso, mas já sabemos, entretanto, é que é preciso transitar das análises temáticas para as análises relacionais da política, se quisermos compreender minimamente o que se passa. E que é preciso sobrecodificar o mundo para iniciar qualquer ação ou projeto político que se pretenda hegemônico. Algo que, neste momento, parece-me premente.

Recebido em: 10/10/2020

Aprovado em: 10/10/2020